



DOSSIÊ

Literatura de autoria feminina

organizado por

Marlise Vaz Bridi
Nicia Petreceli Zucolo

APRESENTAÇÃO

■ **A** literatura de autoria feminina é um fato concreto, ainda que saibamos que é ainda muito menor o número de escritoras mulheres em face de escritores homens, que há menos mulheres do que homens com obras publicadas, que menos mulheres tenham conseguido veiculá-las depois de as terem escrito. Por outro lado, não há necessidade de qualquer estatística para que tenhamos a clara percepção de que o número de autoras mulheres, escrevendo e publicando em todos os gêneros literários, teve um evidente acréscimo ao longo do século XX.

É importante ressaltar que a autoria feminina implica a possibilidade social de mulheres assinarem suas próprias produções, coisa – é bom que se diga – que nem sempre foi algo comum, fato atestado pelo grande número de escritoras mulheres que, para serem publicadas, adotaram nomes masculinos ou, mesmo recentemente, esconderam-se atrás de iniciais indefinidas ou pseudônimos que as protegeram. À guisa de mero exemplo, apontamos aqui os casos de George Sand (Amandine Aurore Lucile Dupin, 1804-1876), escritora francesa, e de George Eliot (Mary Ann Evans, 1819-1880), escritora inglesa, no século XIX, e da também inglesa J. K. Rowling (Joanne K. Rowling, 1965-) que, em pleno século XX, foi instada a se esconder atrás de suas iniciais para publicar a posteriormente famosíssima série infantojuvenil Harry Potter.

Também não podemos esquecer a frequência com que mulheres escritoras estão sendo resgatadas do absoluto apagamento de suas obras e existências, também só recentemente trazidas à luz por pesquisadoras e pesquisadores interessados em recolocar ordem no que tempos menos gentis com as mulheres fizeram por encobrir.

O que desejamos ressaltar, portanto, é que a literatura de autoria feminina é, no plano objetivo, inequívoca. Todas as vezes em que uma mulher assume a autoria do que escreve trata-se exatamente disto: literatura de autoria feminina. Muito diferente disso, entretanto, é a outra questão sempre trazida à baila ao mesmo tempo que se fala de autoria feminina: a da escrita feminina. Essa questão é, além de mais complexa, no mínimo ainda mais polêmica do que a de autoria feminina. Haverá mesmo, de maneira concreta, uma escrita feminina? Pode ser claramente distinta de uma escrita masculina?

Perguntas como essas demandam muita pesquisa e estão longe de poderem ser respondidas de forma pacífica ou com um mínimo de estabilidade. Seriam matéria para uma outra oportunidade.

Os trabalhos que foram aceitos para o presente dossiê são, portanto, estudos acerca de obras de autoras. Obras de literatura de autoria feminina, sem unidade de qualquer espécie, o conjunto de estudos é bastante heterogêneo: no plano de suas origens, das línguas em que escrevem, dos gêneros literários que representam e da própria forma que assumem sua condição feminina. O que as une inteiramente é o conceito de autoria feminina.

São elas as escritoras, Adélia Prado, Anne Hébert, Carolina Maria de Jesus, Cecília Meireles, Gloria Anzaldúa, Laura Erber e Marília Arnaud. Observemos um pouco mais detidamente quem são essas escritoras, o que as une e o que as separa.

Gloria Anzaldúa e Anne Hébert são, respectivamente, norte-americana e canadense, estando a primeira intimamente ligada à cultura *chicana*, à fronteira com o México. Todas as outras são escritoras brasileiras: entre elas, ainda que Cecília Meireles seja mais conhecida por sua obra poética, que aqui também é contemplada, somente Adélia Prado é estudada apenas em sua poesia. As outras, inclusive Cecília Meireles, também analisada em parte de suas crônicas de viagem, são tratadas como prosadoras: Marília Arnaud como contista e Laura Erber e Carolina Maria de Jesus como romancistas. Apontamos ainda que, se, de maneira geral, as obras dessas autoras são tratadas segundo perspectivas que implicam perspectivas dos estudos pós-estruturalistas ou, particularmente, estudos de gênero, essa não é a única dimensão dos artigos presentes neste dossiê.

Enfim, o critério de seleção dos textos recaiu, como teria de ser, na autoria feminina, e não foi nossa intenção escolher estudos apenas a partir da qualidade literária do objeto contemplado, mas do interesse que estudos sobre obras de autoria feminina despertam, pois, se não é automático que a quantidade gere qualidade, a ampliação do número de autoras e de obras literárias escritas por elas impõe-se como elemento significativo para o incremento da literatura de autoria feminina, que, ao se submeter ao crivo de leitores e da crítica, incorpora-se ao sistema literário e, portanto, tende a se aprimorar.

Pensamos oferecer com os estudos escolhidos um conjunto variado que, esperamos, colabore para a ampliação da área entre nós.

Marlise Vaz Bridi
Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM)
Universidade de São Paulo (USP)
Nícia Petreceli Zucolo
Universidade Federal do Amazonas (Ufam)